

O Fariseu e o Coletor de Impostos

A parábola do fariseu e do coletor de impostos é contada apenas no Livro de Lucas, no capítulo 18, versículos 9–14. Começemos analisando os dois personagens da história.



O fariseu

Os fariseus eram membros da sociedade judaica que cultivavam crenças muito fortes no que diz respeito às leis de Moisés e às tradições que receberam “dos pais”. Essas tradições não eram parte das leis de Moisés, mas eram tratadas com a mesma importância pelos fariseus.

O termo fariseu significa “separado”. Eles se esforçavam para observar a lei de Moisés, especialmente as que tinham a ver com o dízimo e com a purificação. Muitos judeus não aderiam às leis de purificação com respeito ao consumo de alimentos, ao



seu preparo e à higienização das mãos, motivo pelo qual os fariseus eram muito seletivos no tocante às pessoas com quem comiam, para não se tornarem impuros do ponto de vista do ritual religioso. Alguns censuravam Jesus por comer com os pecadores e desdenhavam Seus discípulos por não lavarem as mãos antes de comer. Também criticaram Jesus várias vezes por violar as leis do sábado.

Os fariseus eram conhecidos por serem excessivamente zelosos nos assuntos religiosos. A lei escrita previa o jejum uma vez por ano, no Dia da Expição, mas alguns fariseus jejuavam duas vezes por semana, no segundo e no quinto dia da semana —segundas e quintas— e impunham a si mesmos atos de piedade. Davam dízimos sobre tudo que adquiriam — mais do que a lei exigia.

A maioria dos judeus não aderiu à lei mosaica tão categoricamente, motivo pelo qual, na época de Jesus, consideravam os fariseus pessoas muito justas e devotas.

O coletor de impostos

Vamos falar agora do coletor de impostos.

A alfândega e o sistema de cobrança de impostos eram terceirizados. Havia uma licitação em que indivíduos de posses faziam lances do que pagariam a Roma pelo privilégio de coletarem impostos em uma área. O dono do maior lance passava a ser o “publicano geral”, que adiantaria a Roma o valor prometido. Com isso, o império recebia o dinheiro dos impostos adiantado, depois do que o publicano geral fazia a cobrança por meio de coletores de impostos locais. O publicano geral e esses coletores de impostos ganhavam a vida com os valores arrecadados. Cobravam tanto quanto possível, dentro dos limites legais, pois sua renda era determinada por quanto obtinham além do valor pago a Roma. Em outras palavras, a coleta de impostos era um negócio privado que visava lucro.

O publicano geral contratava coletores de impostos ou publicanos

inferiores para o serviço de cobrança. Esses coletores de impostos avaliavam as mercadorias e definiam o valor a ser pago. Havia algumas medidas de controle, mas os coletores de impostos muitas vezes superavaliavam as mercadorias para aumentar sua margem de lucro. Os contribuintes consideravam a prática roubo institucional.

Os coletores de impostos eram desprezados. Do ponto de vista religioso, eram considerados impuros e, conseqüentemente, suas casas e qualquer casa em que entrassem, também. Os odiados coletores de impostos muitas vezes eram postos na mesma categoria com pecadores e prostitutas.

O coletor de impostos na parábola certamente não era uma pessoa bem vista. Era um canalha e sabia disso, como evidenciaram seu comportamento no templo e sua oração.

A Parábola

Com essas informações como pano de fundo, vamos passar para a parábola.

Jesus disse esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros: "Dois homens subiram ao templo para orar, um era fariseu e o outro, cobrador de impostos." (Lucas 18:9-10)



Os que estavam ouvindo Jesus contar a parábola supuseram que o fariseu e o coletor de impostos haviam subido ao templo para participar da cerimônia do sacrifício expiatório diário e orar.

O fariseu, posto em pé, orava consigo desta maneira: "Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este cobrador de impostos. Jejuo duas vezes na semana e dou os dízimos de tudo o que possuo." (Lucas 18:11-12)

O fariseu estava de pé sozinho quando orou, separado de todos os outros adoradores. Se tão somente suas roupas tocassem alguém que estivesse impuro, o fariseu também ficaria impuro. E como os fariseus eram muito meticulosos quando se tratava de pureza e santidade, isso precisava ser evitado. Orava de pé olhando para cima, como era costume dos judeus na oração.

Também tinham o hábito de orar em voz alta, para aumentar a possibilidade de outros ouvirem sua oração. Podia acontecer de sua oração ser também uma "pregação", ou seja, a pessoa ora de maneira a pregar um sermão aos outros em vez de verdadeiramente falar com o Senhor.



O fariseu não é um hipócrita. Ele certamente evita os pecados que relaciona, jejuo e oferece dízimos mais que o exigido. Mas é cheio de si e presunçoso. Desdenha os que não observam a lei como ele, despreza-os e agradece a Deus por não ser como eles. Considera-se o epítome da integridade e, os que ouviam a narração de Jesus provavelmente tinham a mesma opinião com respeito àquele fariseu.

O comportamento e a oração do coletor de impostos são completamente diferentes.

O cobrador de impostos, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: “Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!” (Lucas 18:13)

O homem permanece afastado dos outros, não por ser justo, mas ser pecador e reconhecer isso. Não olha para o céu por se sentir indigno. Extorque dinheiro dos outros e cobra mais do que devia. É desonesto. Não sente que mereça estar entre o povo de Deus ou que seja digno de falar com Ele.

Bate no próprio peito, sobre o coração, porque está tão angustiado pelos seus pecados. Um comentarista escreveu:

Na Bíblia, o único outro caso de pessoas batendo no próprio peito aparece no relato da crucificação de Jesus, em que as multidões, profundamente perturbadas pelo que estava acontecendo, se baterem no peito no fim do dia (Lucas 23:48). Se é necessário uma cena

angustiante como a crucificação de Jesus para homens e mulheres se baterem dessa forma, então fica claro que o coletor de impostos dessa parábola está profundamente abalado.

A palavra grega usada neste versículo para “tem misericórdia” é *Hilaskomai* (hell AS kima), que significa fazer propiciação. Seu clamor não é por misericórdia em geral, mas por reparação, por perdão pelos seus pecados.



Jesus conclui a história:

Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele. Pois qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilhar será exaltado. (Lucas 18:14)



O desfecho surpreendeu os ouvintes de então. O fariseu era visto como justo, respeitável e que não apenas obedecia a lei, mas fazia mais que ela previa. Já o coletor de impostos, por outro lado, era considerado o pecador. Era odiado e desprezado por todo mundo e por boa razão. Não fazia sentido entendê-lo vê-lo como justo.

Contudo, quem Jesus disse que foi para casa justificado, ou seja tornado justo? –Aquele que é confiante da sua justiça por conta das suas boas obras, ou o que implora a misericórdia de Deus? O que os outros consideram santo? –O que desdenha os demais por não serem tão religiosos quanto ele e que se separa dos que são impuros e pecadores? Ou o que sabe que é um pecador, humilha-se, entende que nenhuma quantidade de obras pode verdadeiramente salvá-lo, que busca Deus verdadeiramente arrependido e desejoso da Sua misericórdia, perdão e salvação?

No que diz respeito à graça salvadora de Deus, o que humildemente reconhece sua necessidade de Deus é quem recebe a salvação. Os que se salvarão não são os que têm uma opinião exaltada com respeito a eles mesmos, que confiam em suas boas obras e religiosidade para se salvarem. Não é possível fazer por merecer a salvação ou o perdão pelos seus pecados. Salvação é um presente oferecido por Deus.

Jesus está dizendo aos Seus ouvintes que é pelo amor e graça de Deus que as pessoas são justificadas e nossos pecados são perdoados, um conceito que o Apóstolo Paulo explicou, após a morte de Jesus:

Pois é pela graça que sois salvos, por meio da fé —e isto não vem de vós, é dom de Deus— não das obras, para que ninguém se glorie.
(Efésios 2:8-9)

Deus é um Deus de amor e misericórdia. Ama a humanidade e criou uma maneira para, pela morte de Jesus, sermos salvos. Está determinado a salvar todos, inclusive os que, aos olhos do mundo, são os piores pecadores, como é o caso do coletor de impostos nesta parábola.

Nós, cristãos, deveríamos fazer tudo ao nosso alcance para viver de forma a demonstrar o amor, a misericórdia e a compreensão que nosso amoroso Salvador mostrou por nós, ajudando os outros a conhecê-lo.